

Aplicação do programa *shuttle time* no ensino do badminton na escola: refletindo relações de gênero

RESUMO

O objetivo deste estudo é descrever sobre a questão de gênero nas aulas de badminton na Educação Física escolar. O estudo trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa e de natureza descritiva. Participaram do estudo duas turmas de 7º anos de uma escola pública. Os instrumentos de coleta de dados foram dois questionários e observação participante. Construímos uma sequência didática, contendo dez aulas com momentos dialógicos e vivenciais. Os dados revelam que a questão de gênero foi refletida e compreendida pelos e pelas estudantes nas aulas de badminton. Consideramos que os objetivos propostos na sequência didática foram alcançados, tendo em vista que as relações de gênero foram potencializadas por meio das vivências e das reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física;
Badminton; Gênero; Ensino fundamental

James Fernandes de Medeiros

Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física, Natal, Brasil

jamesprof@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-1813-3138>

Jocicleide de Sousa Freitas

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física, Natal, Brasil

jocicleide11@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-4207-6560>

Míria Figueiredo Etelvino

Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física, Natal, Brasil

miriaff10@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0006-1290-9723>

Antônio de Pádua dos Santos

Doutorado em Educação
Docente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Educação Física, Natal, Brasil

paduasant@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6998-9940>

Application of the shuttle time program in teaching badminton at school: reflecting gender relations

ABSTRACT

The objective of this study is to describe the gender issue in badminton classes in school Physical Education. The study is an experience report with a qualitative approach and descriptive nature. Two 7th grade classes from a public school participated in the study. The data collection instruments were two questionnaires and participant observation. We built a didactic sequence, containing ten classes with dialogical and experiential moments. The data reveal that the gender issue was reflected and understood by students in badminton classes. We consider that the objectives proposed in the didactic sequence were achieved, considering that gender relations were enhanced through experiences and reflections.

KEYWORDS: Physical education; Badminton; Gender; Elementary school

Aplicación del programa shuttle time en la enseñanza del bádminton en la escuela: reflejando las relaciones de género

RESUMEN

El objetivo de este estudio es describir la problemática de género en las clases de bádminton en la Educación Física escolar. El estudio es un relato de experiencia con enfoque cualitativo y carácter descriptivo. En el estudio participaron dos clases de séptimo grado de una escuela pública. Los instrumentos de recolección de datos fueron dos cuestionarios y la observación participante. Construimos una secuencia didáctica que contiene diez clases con momentos dialógicos y vivenciales. Los datos revelan que la cuestión de género fue reflejada y comprendida por los estudiantes en las clases de bádminton. Consideramos que se lograron los objetivos propuestos en la secuencia didáctica, considerando que las relaciones de género se potenciaron a través de experiencias y reflexiones.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Bádminton; Género; Enseñanza fundamental

INTRODUÇÃO

O badminton é um esporte de rede praticado com raquete e peteca. Ele pode ser utilizado como estratégia de ensino capaz de desenvolver nos praticantes diversos aspectos, tais como: raciocínio e estratégia de jogo, melhoria do rendimento esportivo, coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal, dentre outras capacidades. Além disso, desenvolve capacidades físicas, cognitivas, afetivas e sociais (GONÇALVES; SILVA; ARAÚJO; BELLANÇON, 2012; CARLOS SOBRINHO; MAIA; DÜESBERG, 2019).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as práticas corporais nas aulas de Educação Física devem ser sistematizadas por meio de seis unidades temáticas abordadas ao longo do Ensino Fundamental, a saber: brincadeiras e jogos, lutas, ginásticas, danças, práticas corporais de aventura e esportes (BRASIL, 2018).

No tocante à temática esporte, há sete categorias de práticas esportivas propostas na BNCC, dentre elas temos: marca, precisão, técnico-combinatório, campo e taco, invasão ou territorial, combate e rede/quadra dividida ou parede e rebote.

Segundo a BNCC, referente aos esportes de rede:

Rede/quadra dividida ou parede e rebote reúne modalidades que se caracterizam por arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento. Alguns exemplos de esportes de rede são voleibol, vôlei de praia, tênis de campo, tênis de mesa, badminton e peteca. Já os esportes de parede incluem pelota basca, raquetebol, squash etc. (BRASIL, 2018, p.216).

Nesse contexto, consoante à BNCC, o badminton é categorizado como sendo um objeto de conhecimento pertencente à categoria dos esportes de rede/quadra dividida, que faz parte das manifestações da cultura de movimento e, por conseguinte, precisa ser conhecido, refletido e vivenciado nas aulas de Educação Física Escolar.

Como um esporte de raquete, o badminton é jogado entre duas ou quatro pessoas nas modalidades simples (masculino e feminino), duplas (masculina e feminina) e duplas mistas, praticadas em quadra esportiva coberta (*indoor*). Para jogar, são utilizados os seguintes materiais: raquetes, peteca e rede, podendo ser praticado por pessoas de diversas faixas etárias. Esse é um esporte olímpico desde 1992, realizado oficialmente em Barcelona, na Espanha. Apesar de todo esse tempo de estreia em Jogos Olímpicos, o badminton ainda é pouco jogado no Brasil (FONSECA; SILVA, 2012).

No Brasil, apesar de regulamentado como prática de competição em 1980, ainda é pouco apreciado na Educação Física escolar. Todavia, nota-se que houve ao longo dos anos uma procura

pela prática do badminton e um crescimento razoável de pessoas brasileiras interessadas por este esporte. Os jogos olímpicos realizados no Brasil em 2016 na cidade do Rio de Janeiro ajudou a divulgar a modalidade (FLORES *et al.*, 2020).

No sentido de divulgar o badminton a nível mundial e disponibilizar material de apoio pedagógico ao docente foi que, em 2013, surgiu a publicação da versão em língua portuguesa do programa de iniciação ao ensino badminton denominado *Shuttle Time* (Tempo de peteca), elaborado pela Federação Mundial de Badminton (BWF). O material de apoio pedagógico fornece orientações para o ensino do badminton escolar, contendo: vídeos, planos de aulas e sugestões de vários exercícios para o desenvolvimento das aulas no contexto escolar (BWF, 2013a; BWF, 2013b).

Uma revisão integrativa de literatura recente sobre produção científica de badminton no Brasil revela que o maior número de autores e publicações estão nas regiões nordeste e sudeste. Em sua maioria, as pesquisas são de abordagem quantitativa e majoritariamente direcionadas ao esporte de rendimento (FLORES *et al.*, 2020). Com essa revisão integrativa fica evidente que há uma carência na produção científica brasileira sobre estudos no ensino do badminton na perspectiva educacional no ambiente escolar.

Além de tal carência de estudos, há ainda uma problemática histórica da Educação Física escolar que surgiu durante o período esportivista predominante nas décadas de 1970 e 1980, na qual as aulas eram pautadas meramente no saber-fazer em um realizar corporal (BRACHT, 1999). Nesse período as aulas de Educação Física eram ministradas de forma separada por sexo. Então, na prática tínhamos de um lado um professor de Educação Física que conduzia parte da turma somente do sexo masculino e do outro lado uma professora que ficava com as meninas.

Nesse contexto, segundo Barreira e Silva (2021, p.1):

Desde o início da Educação Física escolar, quando a mesma ainda era denominada “Ginástica”, havia a separação dos alunos por sexo. A reforma do Ensino secundário e superior, na qual Rui Barbosa foi idealista trouxe princípios fundamentais para a Educação Física escolar no Brasil. Dentre os princípios propostos por Rui Barbosa havia a separação de meninas e meninos durante as aulas de Educação Física.

Felizmente, do ponto de vista do avanço histórico na legislação brasileira da educação em relação à Educação Física escolar, esta prática foi aparentemente extinta, especialmente depois da publicação da Lei de Diretrizes de Bases da Educação Brasileira em 1996 (BRASIL, 1996). Hoje, professores e professoras de Educação Física, que têm como desafio incluir todos e todas nas aulas, independentemente do sexo ou opção de gênero. Mesmo assim, sabemos que é uma dificuldade proporcionar atividades para integrar todos e todas nas aulas. Conforme Souza Júnior (2020), apesar

da vigência da LDB há quase três décadas, a formação de turmas mistas a partir do 6º ano, não é uma prática consensual entre professores de Educação Física.

Na prática pedagógica na Educação Física observamos situações de dominação e vantagens dos meninos em relação às meninas na prática esportiva. Do ponto de vista biológico, a partir da puberdade, os meninos tendem a serem mais fortes, rápidos e se auto incluem nas aulas. Por outro lado, as meninas, muitas vezes, se auto excluem das aulas ao se considerarem menos habilidosas, fracas e lentas. Esse fato é identificado, especialmente, na prática de esportes coletivos (futsal, basquetebol, handebol e voleibol), nos quais as meninas tendem a se sentirem inferiorizadas quando comparadas ao meninos.

Diante dessa problemática, o ensino do badminton na prática pedagógica na Educação Física escolar apresenta-se como possibilidade de interação entre meninos e meninas em turmas mistas para favorecer um espaço e tempo de formação política a respeito da equidade de gênero.

Assim, sobre a questão de equidade de gênero na educação, é importante destacar a concepção de Knippel e Aeschlimann (2017) que aponta que o termo equidade de gênero como algo que ultrapassa o binômio homem-mulher, envolvendo todos e todas de qualquer identidade sexual.

Além disso, conforme Souza Júnior (2020), a equidade de gênero na área da educação é entendida como um princípio da prática pedagógica, que propõe oferecer oportunidades educativas para meninos e meninas, respeitando limites e reconhecendo potencialidades.

Fonseca (2005, p.458) também acrescenta que:

Adotar a equidade de gênero como um conceito ético associado aos princípios de justiça social e de direitos humanos não implica em desmerecer ou desvestir de direitos os homens para privilegiar as mulheres. Trata-se de re-olhar, com esmero e cuidado, a situação de milhares de mulheres que sofrem iniquidades no cotidiano, indignar-se com isso e mover-se para as transformações, sem confundir o direito à assistência digna e respeitável por serem, antes de tudo, cidadãs, com o imperativo de tê-las híidas e produtivas, por serem geradoras e mantenedoras da força de trabalho presente e futura, portanto, de quem a sociedade depende para a geração de riqueza social.

Uma característica do badminton, como em poucos esportes, é a prática esportiva em duplas mistas. Complementando, conforme Flores *et al.* (2020), o badminton é reconhecido como uma prática esportiva que tem um caráter motivador e participativo social. Dessa forma, acreditamos que essa modalidade tem um potencial para desenvolver as relações de gênero na prática esportiva escolar.

Nessa perspectiva, apresentamos a seguinte questão norteadora: como os e as estudantes nas aulas de badminton reconhecem as relações de gênero na Educação Física escolar? Dessa forma, o objetivo deste estudo é descrever sobre a questão de gênero nas aulas de badminton na Educação

Física escolar. Sendo assim, partimos do pressuposto de que o ensino do badminton nas aulas de Educação Física tem um potencial educativo e de interação social, levando em consideração a questão de gênero e a contribuição na formação de valores de equidade de gênero.

REFERENCIAL TEÓRICO

O *Shuttle Time* (“Tempo de peteca”) é um programa de badminton escolar desenvolvido pela Federação Mundial de Badminton (BWF). Esse programa esportivo tem por objetivo fazer com que este esporte se torne um dos mais populares do mundo (BWF, 2013a; CBBd, 2019). O programa *Shuttle Time* é uma forma de divulgação e massificação da prática esportiva do badminton a nível mundial. Além disso, este programa tem apoiado o princípio de que as crianças devem ser estimuladas para uma vida saudável e ativa, tanto dentro como fora do contexto escolar (BWF, 2013a).

O programa de badminton escolar *Shuttle Time* (ST) é constituído por uma série de recursos didáticos gratuitos destinados ao professor e a professora para o desenvolvimento do badminton escolar, incluem-se os seguintes recursos: manual do professor, vinte e dois planos de aulas, guia de inclusão para professores e noventa e dois vídeos de suporte aos docentes. Esses recursos do programa ST estão, atualmente, disponíveis no website em vinte e quatro idiomas, possibilitando que professores com experiência limitada conheçam conceitos e aprendam habilidades, movimentos e táticas do badminton (BWF, 2013a; BWF, 2013b).

As aulas do programa ST são adequadas para trabalhar com crianças e adolescentes na faixa etária de cinco a quinze anos de idade e foram desenvolvidas para oferecer aos estudantes uma variedade de jogos e atividades divertidas que possibilitam aos e às discentes serem fisicamente ativos e ativas durante todas as aulas, contando com a mediação do/a professor/a. Nesse contexto, as aulas foram projetadas para ajudar o/a professor/a no ensino do badminton escolar, oferecendo uma imagem positiva do esporte com atividades divertidas, seguras e inclusivas (BWF, 2013a; BWF, 2013b).

Consoante a Confederação Brasileira de Badminton/ CBBd (2017), os objetivos do programa *Shuttle Time* pretendem: ajudar docentes a planejarem e ministrarem aulas de badminton de forma divertida e segura; garantir a crianças em fase escolar uma experiência de sucesso com o Badminton; alcançar os objetivos gerais da Educação Física escolar (participação, inclusão, cooperação, interação, etc.); permitir que docentes vivenciem uma experiência positiva do esporte. Assim, é possível desenvolver, durante as aulas, os elementos físicos, técnicos e táticos, sem conteúdos complicados, tanto para professores/as quanto para crianças.

Nesse sentido, o badminton pode ser uma excelente opção de prática esportiva para escolares, tanto para meninos quanto para meninas, e adequado para todas as idades e níveis de habilidades, ele um é importante esporte para desenvolver diversas habilidades físicas gerais, dentre elas: coordenação óculo-manual, habilidade de lançar e pegar, estabilidade e equilíbrio, velocidade e agilidade com mudança rápida de direções, habilidade de saltar e cair e habilidade tática e de tomada de decisão (BWF, 2013a). Diante da questão de gênero, a BWF afirma que o badminton é uma prática adequada para pessoas dos sexos masculino e feminino, que dialoga com a nossa proposta de trabalho nas turmas.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Este artigo consiste em um relato de experiência, que adota uma abordagem qualitativa de natureza descritiva. Dessa forma, compreende um ensino reflexivo, pois são selecionados e elaborados os conteúdos das aulas de modo crítico para aplicar a intervenção pedagógica na realidade vivenciada pelos discentes e sob a orientação e responsabilidade do professor no cotidiano da escola (OKIMURA-KERR *et al.*, 2017).

De acordo com Neira, relato de experiência é definido como:

Um artefato importante nas atividades de formação inicial e contínua de professores, pois possibilita apreender as significações do autor sobre a efetivação do trabalho pedagógico, ou melhor, como concebe o que acontece e o que lhe acontece. Trata-se de uma maneira de acessar os meios utilizados pelo docente para enfrentar o cotidiano escolar, sua forma de lidar com as situações inesperadas, os posicionamentos dos alunos e principalmente como estabelece a relação pedagógica (NEIRA, 2017, p.55).

Participaram do estudo duas turmas de estudantes dos sexos masculino e feminino na faixa etária de 12 a 14 anos, de 7º anos do ensino fundamental anos finais, sendo: 7º B constituída por trinta e três estudantes e 7º C com trinta, totalizando sessenta e três. As aulas ocorreram no turno vespertino, no horário das 13:00 às 17:20 horas, na Escola Municipal Professor Zuza, situada na Zona Oeste na cidade de Natal no estado do Rio Grande do Norte. A intervenção pedagógica ocorreu durante o segundo bimestre entre os meses de março a maio de 2019, na qual desenvolvemos uma sequência didática constituída por dez aulas de badminton.

Espaços físicos e materiais das aulas

As aulas de Educação Física foram realizadas em dois espaços distintos: as aulas expositivas ocorreram em sala de aula e as vivências de badminton ocorreram no pátio da escola, um espaço relativamente amplo nas aulas vivenciais, medindo 22 metros de comprimento por 12 metros de

largura. Os materiais utilizados na sequência didática foram: nove bolas de jornal, sessenta bolões, doze petecas sintética, duas petecas de pena, oito raquetes e duas rede de badminton.

Instrumentos de coleta de dados

Utilizamos como instrumentos de coleta de dados: dois questionários e observação participante. Os questionários, quanto à forma, são constituídos de perguntas abertas e foram elaboradas pelos autores para promover as discussões neste artigo. Nesse sentido, o primeiro questionário foi aplicado com a finalidade diagnóstica de conhecimentos e vivências no badminton e o segundo aplicado ao término das aulas. A observação participante foi adotada como técnica de coleta de dados para conseguir informação sobre as vivências e relações de gênero durante as aulas.

No questionário diagnóstico foram elencadas duas perguntas: 1. Você já praticou badminton em outros espaços fora da escola? 2. Você participou do projeto de badminton nesta escola? No questionário final uma única pergunta: O badminton é um esporte exclusivo de homens ou de mulheres? Ou ambos podem jogar juntos? Comente. Posteriormente, descrevemos e analisamos os dados coletados dos questionários, destacando algumas declarações de estudantes.

Dentre os estudantes participantes da pesquisa, responderam aos questionários diagnóstico e final de forma livre e esclarecida um total de vinte e três estudantes, sendo: quinze da turma 7º B e oito da 7º C.

No quadro 1, apresentado a seguir, estão descritas as informações relacionadas ao planejamento das aulas: número de aulas, objetivos, desenvolvimentos e estratégias. Cada aula teve duração de sessenta minutos por horário, conforme ocorre na rede pública municipal de Natal/RN, sendo apenas uma aula semanal de badminton.

Quadro 1: sequência didática

Aulas	Objetivos	Desenvolvimento metodológico	Estratégias
1	Identificar os conhecimentos prévios.	Aplicação de questionário: avaliação diagnóstica constituída por duas perguntas. Em seguida, comentário das respostas dos estudantes.	Aplicação de questionários. Conversa sobre as respostas.
2	Conhecer o significado do badminton e o contexto com prática escolar.	Diálogo sobre o conceito de badminton e contextualização de uma prática não tradicional nas aulas de Educação Física Escolar.	Leitura de textos de livros e comentário coletivo.

3	Conhecer a História do Badminton.	Diálogo sobre o histórico do badminton no mundo e jogos olímpicos, estudo do histórico do badminton no Brasil e no Estado do Rio Grande do Norte.	Comentários a partir de <i>slides</i> projetados em <i>data show</i> .
4	Manipular a raquete; Rebater utilizando diferentes materiais.	Vivência de manipulação da raquete (empunhaduras). Rebater a peteca para cima com três materiais: balão, bola de papel de jornal e peteca. Atividades realizadas individualmente e em duplas.	Manipulação com a raquete para o desenvolvimento da empunhadura.
5	Conhecer características gerais; Refletir a prática em turma mista.	Diálogo sobre características gerais: esporte de rede, modalidades individual (simples) ou em duplas (masculinas, femininas e mistas). Reflexões entre professor/professora e estudantes sobre a possibilidade da prática de badminton em turmas mistas.	Diálogo com os adolescentes sobre as características gerais do badminton e relações de gênero.
6	Conhecer os materiais, noções regras e pontuações, etc.	Diálogo sobre os materiais: raquetes, peteca e rede. Noções de regras: objetivo do jogo, pontuação dos games, área de jogo, posicionamento, tempo de intervalo entre games.	Diálogo com os adolescentes sobre os materiais e noções de regras.
7	Executar as empunhadura <i>Backhand</i> e <i>Forehand</i> e saques; Jogar badminton na forma simples e duplas.	Vivência das técnicas de empunhadura na raquete: <i>Backhand</i> e <i>Forehand</i> ; tipos de saques curto e longo. Vivência de acertar o alvo (bambolê) do outro lado da rede. Jogar badminton com uso de rede nas modalidades simples e duplas.	Demonstração e execução das empunhaduras, saque e aplicação em partidas formas individual e duplas.
8	Revisar: conceito, histórico, características, materiais, etc.	Revisão dos conteúdos no bimestre; diálogo sobre as questões e respostas corretas da revisão.	Em duplas, ler e responder lista de exercícios e realizar correção coletiva no final.
9	Avaliar os conhecimentos estudados.	Aplicação de atividade avaliativa na denominada semana de provas. Conteúdo da prova: conceito, histórico, características, materiais, regras, etc.	Avaliação dos conhecimentos obtidos.

10	Vivenciar o badminton.	Realização de um minitorneio de badminton (culminância). Vivência nas modalidades: simples e duplas. Reflexões sobre a prática e as relações de gênero e discutir dificuldades.	Vivência do badminton, individualmente e em duplas.
----	------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------

Fonte: autores (2023).

RESULTADOS

A partir da análise do questionário de avaliação diagnóstica, foi possível verificar que treze estudantes participantes do presente estudo não praticaram badminton fora da escola. Por outro lado, nove estudantes apontaram ter experiência anterior na modalidade e declararam que isso ocorreu na própria escola em projeto de badminton desenvolvido pelo professor-pesquisador, conforme representado no relato a seguir:

Estudante A – “Eu tive a oportunidade de participar do seu projeto por pouquinho tempo, que por sinal gostaria muito de estar participando agora, esses poucos momentos que tive achei uma experiência espetacular, tive a oportunidade de ir assistir alguns campeonatos com o senhor que foi incrível está lá só faltou eu participar, mas foi muito gratificante.”

Ao analisarmos os resultados do questionário final, evidenciou-se uma relação com a questão de gênero na prática do badminton, pois os discentes foram unânimes ao afirmarem que a modalidade é praticada por ambos os sexos (masculino e feminino). Ademais, ao serem indagados sobre os questionamentos: o badminton é um esporte exclusivo de homens ou de mulheres? Ou ambos podem jogar juntos? Diante de tal questionamento, obtivemos as seguintes declarações:

Estudante A: “Sim, pois não tem distinção de gênero e nem de porte físico, basta ter força de vontade e um local pra jogar, aí é só praticar e se divertir.”

Estudante C: “O badminton é um esporte que tanto homens como mulheres podem praticar e tem até duplas mista que podem jogar homens e mulheres na mesma equipe.”

Estudante G: “todos podem jogar independente do sexo.”

Estudante H: “Ambos podem jogar juntos eu acho isso muito interessante”.

Estudante J: “Sim, podem jogar juntos sim, não tem problema com isso não.”

Verificamos nas afirmações que todos e todas puderam, durante suas vivências, relacionar-se com pessoas de sexo oposto nas aulas. Nesta perspectiva, observamos que o conteúdo de badminton na prática pedagógica contribui para o desenvolvimentos das relações interpessoais e,

por conseguinte, na formação de turmas mistas. Nesse caso, as aulas de badminton apresentaram-se como uma possibilidade de vivência capaz de favorecer atitudes inclusivas nas relações de gênero.

Na observação, o professor-pesquisador identificou que os estudantes sentiram-se alegres ao participar das aulas de badminton na Educação Física escolar. Fato verificado nas declarações, quando afirmaram, quase que unanimemente, que as vivências foram divertidas. Nesse caso, a diversão na prática do badminton foi caracterizada como um fator motivacional que promove as relações interpessoais entre os envolvidos.

Observamos ainda que, nas primeiras aulas vivenciais, as turmas se dividiram em duas partes, de um lado ficaram os meninos e do outro as meninas, demonstrando não se relacionarem plenamente. Poucos foram os estudantes que se relacionavam desde as primeiras aulas. Com a intervenção pedagógica do docente de forma dialógica e reflexiva, os estudantes da turma começaram a repensar atitudes de inclusão de gênero e passaram a compreender a possibilidade de jogarem e se divertirem juntos.

Notamos, assim, que é fundamental a intervenção do professor no sentido de dialogar e repensar as relações de gênero coletivamente para que, a partir de tal compreensão, se construa gradualmente melhores relações ao longo das aulas. Sabemos que juntar todos e todas nas mesmas atividades propostas não é uma tarefa fácil, mas um processo gradual rumo à compressão da igualdade de gênero. Assim, é possível reduzir preconceitos, discriminações e ideias de superioridade do masculino sobre o feminino. Dessa forma, pode-se atribuir um novo sentido para as relações de gênero para a vida em sociedade.

DISCUSSÃO

Baseando-se nos resultados deste estudo, evidencia-se nas declarações dos estudantes e na observação das vivências as relações de gênero, independentemente de quaisquer barreiras relacionadas às características biológicas. Diante disso, a prática do badminton entre estudantes de sexos opostos proporciona aos envolvidos um sentido de diversão e de prazer em jogar, pois uma das características do badminton descritas pelos estudantes, a partir de suas experiências foi a diversão, em que observamos melhoria nas relações de gênero. Acreditamos que uma prática esportiva que gera nos estudantes um sentimento de diversão tem um potencial importante para o desenvolvimento das relações humanas nesse esporte realizado em turmas mistas.

Como ponto de partida para as vivências e reflexões, consideramos ser fundamental compreender os conteúdos conceituais e dialogar com os estudantes sobre o badminton, histórico e características da modalidade. Ademais, é importante refletir sobre a questão de gênero como

aspecto sociocultural, bem como ampliar as suas relações na prática esportiva na escola. Desse modo, o professor de Educação Física tem a responsabilidade pedagógica de trazer esta temática de gênero em sala de aula, dialogando e refletindo no sentido de construir uma sociedade mais solidária, acolhedora e inclusiva.

Um dos grandes desafios enfrentados pelos/as professores/as de Educação Física na escola na sua prática pedagógica é desenvolver um trabalho com turmas mistas e envolver todos e todas de forma a garantir um espaço legítimo de aprendizagens dos conteúdos, bem como contribuir para uma formação política de estudantes norteada por valores de equidade de gênero tão necessários no convívio social.

Conforme Souza Júnior (2020, p.155):

Neste sentido, compreendemos que o convívio de meninos e meninas nas aulas deve ser adotado e incentivado pelos docentes, buscando constantemente estabelecer um ambiente de respeito mútuo e solidariedade, no qual as diferenças físicas não se constituam em diferenças de acesso a uma participação efetiva nessas aulas.

As diferenças físicas, ponto de vista biológico, ocorrem na transição entre a infância e a puberdade, na qual as transformações físicas distanciam os corpos de meninos e meninas, gerando substancial desnível de *performances*, colocando as meninas em suposta desvantagem quando comparadas aos meninos. No entanto, as diferenças não devem ser exercidas no sentido de subjugar um discente supostamente mais frágil fisicamente (SOUZA JÚNIOR, 2020).

Para que isso não aconteça na escola é fundamental que sejam apresentados conteúdos capazes de estimular a reflexão dos estudantes para que eles conheçam sobre aquilo que estão aprendendo e praticando na escola, repensando sua própria prática educacional e social a partir de suas experiências.

No tocante à interação nas relações sociais, de acordo com Flores *et al.* (2020), o badminton é uma modalidade esportiva que integra a família dos esportes de raquete, sendo um objeto de interação por meio da dinâmica que o jogo favorece ao praticante. Os autores complementam que o badminton, na sua especificidade, possui um caráter motivacional e participativo social. Sendo assim, constatamos que o ensino do badminton nas aulas de Educação Física escolar pode promover o engajamento e participação afetiva de todos e todas, independentemente da questão de gênero.

No que se refere aos conteúdos atitudinais¹, a prática de badminton na iniciação escolar tem um caráter de inclusão de gênero, na medida em que favorece a participação de todos no processo

¹ “O termo conteúdo atitudinal engloba uma série de conteúdos que por sua vez podemos agrupar em valores, atitudes e normas. Cada um destes grupos tem uma natureza suficientemente diferenciada que necessitará, em dado momento, de uma aproximação específica” (ZABALA, 1998, p.46).

de ensino e aprendizagem nas aulas de Educação Física. Por outro lado, diferentemente da prática nos esportes coletivos tradicionais como: futsal, basquete, handebol e voleibol, em se tratando de gênero, as meninas são geralmente excluídas das aulas por serem consideradas lentas, pouco habilidosas, fracas e delicadas. Complementando, segundo Venâncio *et al.* (2017), os meninos são geralmente considerados rápidos, habilidosos, fortes, corajosos e por isso predominam na prática esportiva coletiva.

Com a problemática da questão de gênero enfrentada no cotidiano de professores de Educação Física na escola, o badminton pode ser utilizado como um conteúdo didático estratégico para favorecer uma prática esportiva educativa capaz de contemplar, ao mesmo tempo, meninos e meninas em um tratamento de relação de igualdade de habilidades, oportunidades de equidade de gênero. Para Saraiva (2005), atividades que tenham como características a busca do equilíbrio entre meninos e meninas é um modelo da Educação Física coeducativa, cujo objetivo principal é a equidade em relação ao gênero. Nesse sentido, é importante compreender o conceito de gênero.

Para Goellner (2009, p.78), o conceito de gênero significa:

A condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos. Ao passo que sexo é o termo utilizado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino.

Do ponto de vista pedagógico, é fundamental provocar reflexões a respeito das questões de gênero nas aulas de Educação Física entre professor/a e estudantes, bem como observar suas implicações no processo de ensino e aprendizagem, seja na prática de esportes coletivos ou individuais. Além disso, é preciso discutir alternativas didáticas por meio do ensino de esporte como badminton, pois este tem um potencial educativo para contemplar na prática o princípio da equidade de gênero.

Em relação às dificuldades na prática docente em relação ao trabalho com turmas mista, Souza Júnior e Darido (2003) afirmam que: Apesar de, muitas vezes, esta ser a forma de composição das turmas para as aulas de Educação Física, conforme mencionado anteriormente, muitos docentes optam por separar meninos e meninas durante as atividades e, por vezes, diferenciam as atividades de acordo com o sexo. Estes procedimentos refletem as dificuldades encontradas por estes professores e professoras para o trabalho com a coeducação.

Nessa perspectiva, a coeducação para Kunz (2018) é compreendida como sendo uma prática conjunta entre meninos e meninas ao proporcionar as mesmas experiências de movimentos para ambos os sexos nas aulas de Educação Física no contexto educacional. A coeducação, por sua vez,

fundamenta-se, em parte, no entendimento de que a realização do movimento humano não tem sexo. Além disso, a discriminação tradicional de movimentos, tanto para homens quanto para mulheres é construída socialmente, sendo assim, relacionada às visões e valores culturais.

Com base na literatura disponível sobre o ensino do badminton na escola, podemos perceber que esta proposta de trabalho corrobora com o relato de experiência desenvolvido por Venâncio *et al.* (2017). Tendo em vista que os referidos autores apresentam sua proposta de ensino seguindo orientações didáticas: objetivos, conteúdos e estratégias de aprendizagens, que são semelhantes ao apresentado na nossa pesquisa em tempos e espaços diferentes, São Paulo e Rio Grande do Norte, respectivamente.

O processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos permitiu ainda um momento de culminância da sequência das aulas como uma atividade de encerramento do bimestre por meio de um minitorneio de badminton entre todos os estudantes das turmas envolvidas. Tal evento teve como finalidade possibilitar uma interação e socialização das turmas, bem como oportunizar troca de aprendizados entre os discentes (VENÂNCIO *et al.*, 2017). Corroborando com nosso estudo, destacamos que o minitorneio de badminton entre as turmas envolvidas pôde potencializar a interação entre os estudantes e estimular as relações de gênero.

Do ponto de vista pedagógico, um estudo que corrobora com o nosso foi desenvolvido por Maldonado *et al.* (2019), no qual foram relatadas duas experiências pedagógicas, tematizando esporte nas aulas de Educação Física, desenvolvidas em turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos finais em uma escola pública na periferia de Itanhaém, em São Paulo, e em uma turma de 1º ano do ensino médio do Instituto Federal de São Paulo. Nas turmas de ensino fundamental, o badminton foi proposto como uma atividade pedagógica para não somente ampliar o repertório das atividades esportivas na escola, como também oferecer um novo discurso e olhares em torno das possibilidades de práticas esportivas, incluindo a modalidade de esporte de rede, dentre eles, o badminton.

Recentemente, outros estudos foram aplicados na escola pública como proposta pedagógica em turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Anos Finais. Segundo Araújo *et al.* (2020), desenvolveram o badminton por meio do diálogo, problematização e reflexão crítica nos aspectos histórico, econômico e social, questionando coletivamente a hegemonia do futsal em detrimento de outras modalidades existentes na cultura. Com base no nosso estudo, o badminton apresenta-se como um conteúdo novo e divertido com potencial para desenvolver as relações de gênero, que caminha rumo à contraposição das práticas esportivas tradicionalmente hegemônicas na escola.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), orienta que o badminton seja ensinado em turmas de 8º anos. No entanto, optamos desenvolvê-lo em turmas de 7º anos por dois

motivos. O primeiro motivo foi a necessidade de refletirmos coletivamente sobre a questão de gênero e da coeducação nas aulas de Educação Física, e o segundo, deu-se pela possibilidade de estimular a participação dos estudantes para ingressar no projeto extracurricular de badminton na escola, se assim houvesse o interesse individual. Dentre os envolvidos no estudo, doze deles ingressaram no projeto extracurricular de badminton no contraturno.

No estudo apresentado por Miranda *et al.* (2020), desenvolve-se uma proposta de ensino do badminton em um programa no contraturno da escola, atendendo quinze estudantes de 8º e 9º anos ao longo de setenta e duas aulas em 2019, cujo objetivo foi elaborar e conduzir instrumentos de avaliação da aprendizagem, dentre elas: diagnóstica, formativa e somativa. Para tanto, utilizou-se da roda de conversa, observação, problematização para construção de formas avaliativas, considerando alguns referenciais como: táticos-técnicos, socioeducacionais e histórico-culturais no badminton e em diversos esportes. Considera-se que a problematização nas aulas é fundamental para dialogar e refletir sobre as relações de gênero.

Corroborando com nosso estudo, Silveira e Dias (2019) apresentam aos discentes vivências e problematizações na prática do *ultimate frisbee*² como esporte coletivo capaz de potencializar a participação de todos em turmas mistas para que meninos e meninas joguem juntos. As aulas de Educação Física foram aplicadas em duas turmas de 5º anos A e B em uma escola pública. Nesse estudo, a professora-pesquisadora promove reflexões sobre as relações de gênero nas aulas, visando minimizar conflitos e repensar atitudes intimidadoras dos meninos frente às meninas através das reflexões sobre o princípio do *Fair Play* (jogo limpo) no *ultimate frisbee* e rumo às relações de gênero mais igualitárias, respeito mútuo e trabalho em equipe. Assim como o *ultimate frisbee*, a prática do badminton também é pautada na formação de atitudes de *Fair Play*.

Nesta perspectiva, o docente que está começando a lecionar o badminton nas aulas de Educação Física poderá utilizar-se das orientações didático-pedagógicas do programa *Shuttle Time* com foco na iniciação, fazendo as adaptações necessárias de acordo com a sua própria realidade na prática pedagógica. Em vista disso, recomenda-se aos docentes que recorram aos conteúdos e às aulas do programa *Shuttle Time*, a fim de auxiliá-los no planejamento (BWF, 2013a; BWF, 2013b).

É importante afirmar que o badminton é uma prática esportiva para escolares diferenciada, pois trata pedagogicamente as relações de gênero ao envolver nas atividades educativas, tanto meninos quanto meninas. Independentemente de sexo, o esporte é adequado para todas idades e

² “O *Ultimate frisbee* pode ser considerado como uma prática corporal esportiva progressista por colocar e aceitar em suas regras que homens e mulheres possam jogar em competições profissionais sem nenhuma restrição. Quando essa condição adentra o ambiente escolar, o debate sobre gênero torna-se mais autêntico e adequado para o contexto das aulas de Educação Física, além de mais bem articulado com as novas demandas sociais” (COSTA, CADAVID e CARNEIRO, 2019, p.35).

níveis de habilidades diferentes, tendo em vista que as características do badminton são: motivação, diversão, inclusão de gênero e interação social (BWF, 2013a).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a proposta de ensino do badminton apresentada, através de uma sequência didática, possibilitou aos estudantes reflexões sobre as relações de gênero nas aulas. Entendemos que o badminton, enquanto conteúdo de Educação Física, é parte integrante da iniciação esportiva escolar, por meio do qual podemos promover discussões para além da prática no contexto da escola.

O presente estudo revela que a prática do badminton, mesmo ainda sendo pouco divulgada e apreciada entre estudantes, pode ser um instrumento de desenvolvimento de relações interpessoais, independentemente de sexo, em que todos e todas podem participar, aprender e se divertir. Nessa perspectiva, os participantes deste estudo reconheceram que o badminton é um esporte caracterizado como divertido e capaz de envolver jovens de sexo oposto nas mesmas atividades da aula, sendo uma prática em que todos podem interagir e jogar juntos.

Para alcançarmos tal interação social desejada, muitos são os desafios na prática docente rumo à mudanças de atitudes inclusivas de gênero e da equidade de gênero, a fim de promover um ambiente escolar acolhedor e de respeito mútuo. No entanto, entendemos que os desafios podem ser superados a partir de pesquisas, reflexões e desejo de transformação de uma realidade marcada por problemas de ordem sociocultural, reconhecendo o potencial educativo e inclusivo de gênero do badminton escolar. Desse modo, é importante o docente provocar reflexões a respeito da questão de gênero de modo a contribuir na formação baseada em valores na equidade de gênero.

Acreditamos que o presente estudo colabora no campo da produção científica ao apresentar uma discussão sobre a relação de gênero de aulas de Educação Física realizadas na escola. Portanto, este estudo favorece novas discussões sobre a temática de gênero no ensino fundamental, podendo outros esportes de raquete como o tênis, tênis de mesa, dentre outros, ampliar as reflexões. Desejamos que este estudo estimule outros professores e professoras, a fim de continuarem o debate na área da educação e da Educação Física.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Samuel Nascimento; ROCHA, Leandro Oliveira; COELHO, Márcio Cardoso, BOSSLE, Fabiano. A pedagogia crítica da educação física escolar: relatos de uma experiência docente com o badminton. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 2, p. 93-99, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/24360/16116>. Acesso em: 25 de junho de 2022.

- BADMINTON WORLD FEDERATION (BWF). *Shuttle Time*. **O programa de badminton escolar da BWF. Manual para professor**. Malaysia: BWF, 2013a. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Artigos_textos/bwf_shuttletime_manual_professores.pdf. Acesso em: 25 de junho de 2022.
- BADMINTON WORLD FEDERATION (BWF). *Shuttle Time*. **O programa de badminton escolar da BWF. Planos de aula**. Malaysia: BWF, 2013b. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Artigos_textos/bwf_schools_planos_aula_Portugues.pdf. Acesso em: 25 de junho de 2022.
- BARREIRA, Jussara Dias; SILVA, Letícia Nunes. **Separação de meninos e meninas na Educação física escolar: aspectos biológicos e sociais**. Trabalho de conclusão de curso de Educação Física Licenciatura pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – Gama/DF: Uniceplac, 2021.
- BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 1999.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL. Lei n. 9.424, de 24 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília: EC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acessado em: 22 mar. 2020.
- CARLOS SOBRINHO, Antônio; MAIA, Alicson Albuquerque; DÜESBERG, Frank. **1º CURSO TÉCNICO DE BADMINTON 2019** (apostila impressa). Federação Norteriograndense de Badminton – FNBd, 2019.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BADMINTON CBBd. Disponível em: <https://www.badminton.org.br/historiadobadminton>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- Confederação Brasileira de Badminton (CBBd) – Programa Shuttle Time**, 2017. Disponível em: http://www.educacaofisica.seed.pr.gov.br/arquivos/File/Artigos_textos/badminton_shuttletime_como_funciona.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.
- COSTA, Felipe Rodrigues; CADAVID, Marlon Andrés Amaya; CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros (org.). **Ultimate Frisbee: organização, conhecimento e prática de ensino**. Curitiba: CRV, 2019.
- GONÇALVES, Ricardo; SILVA, Carlos Eduardo M.; ARAÚJO, Lígia Conceição; BELLANÇON, Amanda. A importância da tomada de consciência no jogo de badminton. **Revista Fiep Bulletin**, v. 82, special edition, article I, 2012. Disponível em: <https://www.fiepbulletin.net/fiepbulletin/article/view/2373/4468>. Acesso em 23 de julho de 2022.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: educando para a diversidade**. In: OLIVEIRA, Amauri A. B.; PERIN, Giana L. (org.). Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. Maringá: Eduem, 2009.
- FONSECA, Keiko Verônica Ono; SILVA, Paulo Roberto Bastianini. **Badminton: Manual de fundamentos e exercícios**. 1ª Edição. Curitiba: M. M. Ono, 2012.
- FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa. Equidade de gênero e saúde das mulheres. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. 2005; 39(4):450-9.
- FLORES, Patric Paludett; ANVERSA, Ana Luíza Barbosa; QUEIROZ, Leonardo Cordeiro; SILVA, Fernando Lazaretti Onorato; COUTINHO, Ariel Arthur Cardoso dos Santos; SOUZA, Vânia de Fátima Matias. Análise da produção científica brasileira sobre badminton: uma revisão integrativa. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 2, p. 63-70, mai./ago. 2020.
- OKIMURA-KERR, Tiemi; Ulasowicz, Carla; Venâncio, Luciana; Sanches Neto, Luiz. **Educação física no ensino fundamental I: Perspectivas de Sistematização dos Blocos de Conteúdos Temáticos**. Volume 26. Curitiba: CRV, 2017.
- KNIPPEL, Edson Luz; AESCHLIMANN, Maria Carolina de Assis Nogueira. Educação e equidade de gêneros. **Revista THEMIS**, p. 59-85, 2017.

KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 1**. 6ª edição. Ijuí: Unijuí, 2018.

MALDONADO, Daniel Teixeira; JABOIS, Diego Pinto; NEIRA, Marcos Garcia. Organização didático-pedagógica das aulas de Educação Física na Educação Básica: entre o “não mais” e o “ainda não”? **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 17, p.1-17, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654674/21063>. Acesso em: 18 abril de 2022.

MIRANDA, João Marcelo de Queiroz; BELLI, Taisa; SILVA, Peterson Amaro; MISUTA, Milton Shoití; GALATTI, Larissa Rafaela. Possíveis estratégias de avaliação da aprendizagem sobre o esporte em um projeto de badminton na escola. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 2, p. 101-106, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/24515/16082>. Acesso em: 18 abril de 2022.

NEIRA, Marcos Garcia. Análise e produção de relatos de experiência da Educação Física cultural: uma alternativa para a formação de professores. **Textos FCC**, São Paulo, v. 53, p. 52-103, nov. 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/textosfcc/article/view/5552/3586>. Acesso em: 17 maio de 2022.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Educação Física escolar e a questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (orgs.). **Desafios da Educação Física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em 20 maio de 2022.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 143-151, Set/Dez. 2003. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1009>. Acesso em: 20 maio de 2022.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Coeducação Física e Esportes**: quando a diferença é mito. 2. ed. Ijuí, Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 2005.

SILVEIRA, Ana Aparecida Tavares; DIAS, Maria Aparecida. Repensando as relações de gênero nas vivências do *ultimate frisbee* na escola. **Motrivivência**, (Florianópolis), v. 31, n. 58, p. 01-15, abril/julho, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55894/40213>. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz; KERR-OKIMURA, Tiemi; ULASOWINZ, Carla. **Educação física no ensino fundamental II: saberes e experiências educativas de professores(as) – pesquisadores(as)**. Volume 29. Curitiba: CRV, 2017.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS – não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM – não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 27.02.2023

Aprovado em: 05.12.2023

